

Diferenças nas Perceções de Aceitação / Rejeição Parental em Estudantes do 3.º Ciclo de Escolaridade

Differences in Perceptions of Parental Acceptance/Rejection in Students in the 3rd Cycle of Schooling

(EN: 87-102)

Ana Rita Reboredo*

Centro de Investigação em Educação, ISPA – Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, Portugal

DOI: 10.33167/2184-0644.CPP2020.VVIN1/pp.103-121

ABSTRACT

Perceptions of acceptance/rejection, in this case parental, are revealing for the psychological adjustment of students and for their success in various areas of life, in this case at school (Ali, 2011; Khaleque & Ali, 2017; Rohner, 2016). Based on some concepts from the Interpersonal Acceptance-Rejection Theory (Rohner 1975, 1986, 2004, 2016), this study analyzes differences in parental acceptance / rejection, mother and father, according to the students' grade (7th, 8th and 9th). The study sample included 573 students aged 12 to 18, mostly attending state schools in the Lisbon district and a state school in Beira Alta. Of these students, 214 (37.3%) were from the 7th grade, 202 from the 8th (35.3%) and 157 from the 9th grade (27.4%). For this, we used the One Way MANOVA and the Scheffé post-hoc test was applied to identify which grades differed in terms of parental acceptance / rejection (father and mother). Our results show significant differences between grades, in the dimensions and total scale related to the perception of maternal and paternal acceptance / rejection. In general terms, 9th grade students showed themselves as those who revealed to perceive more parental rejection, in global terms, in relation to father and mother. We believe that these students having been through adolescence, as well as being much nearer to attending secondary school,

Artigo recebido a 20/04/2020 e aprovado para publicação pelo Conselho Editorial a 13/05/2020.

* Doutoramento em Psicologia Educacional pelo ISPA. Mestrado Integrado em Psicologia da Educação, Desenvolvimento e Aconselhamento pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. Pós-Graduação em Mediação de Conflitos em Contexto Escolar. Curso de Estudos Avançados em Psicologia Educacional. Psicóloga escolar pelo Ministério da Educação.
E-mail: anaritareboredo@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9621-6508>

may explain these results. On the other hand, the 7th grade students, closest to childhood years, were those who revealed themselves to feel less problems regarding affection on the part of their mothers and fathers.

Keywords: Perceptions of parental acceptance/rejection, Third cycle of schooling, Grade

RESUMO

As percepções de aceitação/rejeição, nomeadamente parental, são revelantes para o ajustamento psicológico dos alunos e para o seu sucesso em várias áreas da vida, nomeadamente na escola (Ali, 2011; Khaleque & Ali, 2017; Rohner, 2016). Com base em alguns conceitos da Teoria da Aceitação-Rejeição Interpessoal (Rohner 1975, 1986, 2004, 2016), este estudo analisa diferenças quanto às percepções de aceitação/rejeição parental, mãe e pai, de acordo com o ano de escolaridade frequentado pelos alunos (7.º, 8.º e 9.º ano – 3.º ciclo do ensino básico). A amostra do estudo incluiu 573 estudantes, maioritariamente a frequentar escolas públicas do distrito de Lisboa e uma escola pública situada na Beira alta, com idades entre os 12 e os 18 anos. Destes alunos, 214 alunos (37.3%) encontravam-se a frequentar o 7.º ano, 202 a frequentar o 8.º (35.3%) e 157 a frequentar o 9.º ano (27.4%). Para tal, recorreu-se à *Anova One Way* Multivariada (MANOVA) e foi aplicado o teste *post-hoc* de *Scheffé* com o objetivo de identificar quais os anos escolares que apresentavam diferenças relativamente às percepções de aceitação/rejeição parental (pai e mãe). Os resultados revelam diferenças significativas entre os anos escolares, nas dimensões e total da escala relativas à percepção de aceitação/rejeição materna e paterna. Em termos gerais, os alunos do 9.º ano constituíram-se como aqueles que revelaram perceber mais rejeição parental, em termos globais, relativamente ao pai e à mãe. Acreditamos que a vivência plena da etapa da adolescência por parte destes alunos, bem como uma maior proximidade à frequência do ensino secundário, que se prevê desafiante, poderão explicar estes resultados. Por outro lado, os alunos do 7.º ano, mais próximos à partida do período temporal da infância, foram aqueles que revelaram sentir menos problemas de afeto por parte das suas mães e pais.

Palavras-chave: Percepções de aceitação/rejeição parental, Terceiro ciclo de escolaridade, Ano de escolaridade

1. Introdução

Durante a etapa de desenvolvimento da adolescência, fase caracterizada por múltiplas transformações, ocorrem profundas mudanças no ambiente social e familiar do adolescente (Braconnier, Marcelli & Fernandes, 2000; Steinber, 2001; Weymouth & Buehler, 2016). A literatura sugere que nas idades compreendidas entre os 12 e os 17 anos de idade, a distância entre pais e filhos se faz sentir de forma mais acentuada. No entanto, apesar disso, a grande maioria dos adolescentes revela um bom relacionamento com os pais e, mais importante, o conflito entre pais e filhos não é normativo (Steinberg, 2001).

A qualidade das relações que pais e filhos estabelecem está relacionada à competência social e ao autoconceito das crianças e jovens (Forehand & Nousiainen,

1993, Musitu & García, 2004), à saúde mental (Amato, 1994; Rohner & Brothers, 1999) e a comportamentos de índole desviante (Campo & Rohner, 1992).

No quadro da Teoria da Aceitação/Rejeição Interpessoal *IPARTheory* é suportado que, de forma geral, as crianças percebem os seus pais/cuidadores como aceitantes (Parmar & Rohner, 2010).

O carinho percebido pelas crianças em relação aos pais surge concetualizado de acordo com um *continuum*, que varia da percepção de ausência de afeto (rejeição) à percepção da sua presença total (aceitação) (Khaleque & Ali, 2017; Rohner, 1986, 2004, 2016).

A aceitação parental que se relaciona com o amor, afeto e calor que os pais transmitem aos seus filhos tem como principais demonstrações, as manifestações físicas e verbais. A manifestação física pode traduzir-se, por exemplo, em carícias, abraços, olhares de aprovação, beijos, sorrisos e de outras manifestações de carinho, suporte e aprovação. Verbalmente, o elogio refere-se a dizer coisas agradáveis sobre a criança, à própria ou a terceiros. Baseia-se em atos como o de contar uma história ou cantar uma canção, gestos que refletem a aceitação parental. Qualquer criança independentemente do facto de pertencer a uma família que promove maioritariamente a aceitação, experimenta combinações comportamentais uma vez que até os pais mais pacientes, por vezes se tornam impacientes ou se zangam, podendo manifestar comportamentos típicos da rejeição parental (Rohner, 1986, 2016).

A definição concetual de rejeição dos pais refere-se à ausência ou diminuição significativa do afeto, carinho ou amor dos pais em relação aos filhos. A rejeição dos pais assume três formas principais (Rohner, 1975, 2016): Hostilidade / Agressão; Indiferença / negligência e rejeição indiferenciada. A hostilidade e a indiferença são consideradas sentimentos psicológicos internos, com a hostilidade a incluir raiva, ressentimento, inimizade, malícia ou má vontade em relação à criança/jovem e a indiferença traduzindo uma falta de preocupação ou cuidado (Rohner, 1975, 2004, 2016). A agressão e negligência, por outro lado, constituem manifestações comportamentais dos estados internos mencionados. A agressão está relacionada a comportamentos cuja intenção é atingir de forma negativa, física ou psicologicamente, o outro ou, simbolicamente, um objeto (Rohner, 1975, 2004, 2016). A manifestação da agressão pode ser física ou verbal. A manifestação física caracteriza-se, a título de exemplo, por bater, morder, empurrar, abanar, beliscar, arranhar, amarrar, escaldar ou queimar. A verbal identifica-se pelo menosprezo, maledicência, sarcasmo, culpabilização e atos de denegrir (Rohner, 1975, 2004, 2016). Inclui toda e qualquer forma de verbalização de conteúdo desagradável, impensado e cruel, diretamente tido para com a criança, ou sobre ela.

Em relação à negligência, expressa-se quando os pais não atendem às necessidades básicas da criança, como a necessidade de alimentos, assistência médica, entre outras, bem como necessidades de outra ordem: educacional, preocupações, desejos e interesses da criança. Os indicadores de excelência da negligência são a indisponibilidade física e psicológica dos pais (Rohner, 1986, 2004, 2016). A indisponibilidade física remete para a ausência da presença física do pai e/ou da mãe, sendo que o produto é a solidão da criança que se depara com o facto de não ter ninguém para tomar fisicamente conta de si. A indisponibilidade psicológica é um processo mais complexo de ser compreendido uma vez que os pais, embora estando presentes, não acedem psicologicamente à criança, (não respondem ao “ser dependente” da forma que esta necessita, na interação consigo), (Rohner, 1986, 2004, 2016).

Por sua vez, a rejeição indiferenciada refere-se ao sentimento de rejeição, quando os filhos não se sentem amados e desejados sem que, no entanto, manifestem alguns dos indicadores típicos de rejeição já mencionados. A rejeição diferenciada é passível de ser observada comportamentalmente enquanto agressão, negligência ou ambas, ao passo que a rejeição indiferenciada, não. A rejeição indiferenciada refere-se, exclusivamente, às experiências subjetivas de não amor, sem que existam indicadores observáveis (Rohner, 1986, 2004, 2016).

Dos vários trabalhos de investigação realizados à luz da Teoria da Aceitação/Rejeição Interpessoal (e.g. Ali, 2011; Khaleque, 2012; Khaleque & Ali, 2017; Khaleque, & Rohner, 2012; Rohner & Britner, 2002, 2004) é possível concluir que, a nível global e independentemente da cultura, a percepção de aceitação/rejeição parental releva para o ajustamento psicológico das crianças e jovens. Consta-se que o ajustamento psicológico é o principal correlato da percepção de aceitação/rejeição parental, sendo a variável que mais se destaca a nível mundial, com a presença da rejeição percecionada a ter impacto no desenvolvimento de perturbações psicológicas.

No que concerne à etapa da adolescência, em específico, esta caracteriza-se por uma maior necessidade de autonomia do adolescente relativamente aos pais, o que poderá originar alguma tensão no seio familiar. Os adolescentes exigem, nesta fase do desenvolvimento humano, mais autonomia e tendem a discordar mais dos seus pais. Estes fatores traduzem-se em desafios acrescidos para a comunicação entre pais e filhos (Nomaguchi, 2012; Shanahan, et al., 2007). Os pais estão incumbidos da árdua tarefa de aprender a equilibrar entre dar a liberdade ao adolescente para fazer o que quer e estabelecer regras e limites (Deslandes, Potvin & Leclerc, 2000; Sentse et al., 2009). Tendo em conta as questões próprias deste período do desenvolvimento humano, alguns estudos apontam para o facto de as crianças parecerem perceber uma diminuição no calor, envolvimento e apoio dos

pais à medida que crescem (Ali, 2011; Rodríguez, Barrio, & Carrasco, 2009; Rosa, Parada & Rosa, 2014). Alguns estudos revelam que as manifestações de afeto entre pais e filhos bem como a percepção que têm sobre o relacionamento que mantêm tendem a mudar significativamente com o aumento da idade, bem como a redução do tempo que pais e filhos passam juntos (Oliva, 2006).

A investigação conduzida no âmbito da *IPARTheory* permitiu identificar os efeitos das percepções de aceitação/rejeição parental como presentes e semelhantes, independentemente da idade, desde a infância à idade adulta (Akün, 2017; Khaleque & Rohner, 2002a, 2012).

Num estudo que pesquisou as percepções de aceitação/rejeição na cultura norte-americana e indiana, as percepções de aceitação/rejeição demonstraram não variar com a idade, pelo menos no que diz respeito ao intervalo compreendido entre os 6 e os 12 anos (Rohner & Chaki-Sircar, 1987). Já numa pesquisa com amostra mexicana, foram encontradas diferenças, cuja razão de ser ainda não foi clarificada, com as crianças mais novas a revelarem uma percepção de rejeição mais elevada, relativamente às mais velhas (Rohner, 1975, 2004).

Numa amostra de mães provenientes de Bengali, com idades compreendidas entre os 20 e os 70 anos, as mesmas revelaram auto-percecionar-se mais rejeitadas no período da sua infância, relativamente a períodos posteriores (Rohner & Chaki-Sircar, 1987).

Sabe-se, também, que é no período compreendido entre os 6 e os 12 anos que a rejeição terá mais impacto. Na etapa da adolescência, com o sublinhar da relevância que, nomeadamente, as relações estabelecidas com o grupo de pares assumem, as autorrepresentações caminham para a sua solidez, verificando-se uma capacidade mais elevada para lidar com a rejeição parental sem que a mesma consiga produzir impactos tão nefastos (Rohner, 1986, 2004, 2016).

Estudos recentes refletem alguma variação das percepções de aceitação/rejeição parental de acordo com a idade, no período concreto da adolescência, fase desafiante para pais e filhos (Ali, 2011; Ramírez-Uclés et al., 2018).

2. Hipótese

No contexto especial da *PARTheory*, a investigação permitiu essencialmente identificar as percepções de aceitação/rejeição parental e o seu principal correlato - o ajustamento psicológico - como similares em sujeitos de diferentes idades, desde a infância à idade adulta (Khaleque & Rohner, 2002a, 2012; Rohner, 2004, 2016; Rohner & Britner, 2002).

Estudos recentes refletem alguma variação nas percepções de aceitação/rejeição parental e nos seus efeitos, consoante a idade durante, por exemplo, a adolescência (Ali, 2011; Ramírez-Uclés et al., 2018).

Percebermos se as percepções de aceitação/rejeição parental diferem consoante o ano de escolaridade que os alunos frequentam é importante para a intervenção realizada pelo psicólogo escolar. Este poderá estar, deste modo, mais atento ao trabalho realizado com os alunos dos vários anos de escolaridade que compõem o terceiro ciclo, melhor norteando a sua intervenção no que se refere à percepção dos alunos sobre a aceitação/rejeição parental.

Sabemos, por outro lado, que as percepções de aceitação/rejeição parental são importantes para aspetos como o ajustamento psicológico dos alunos e o seu sucesso escolar (Ali, 2011; Khaleque & Ali, 2017; Rohner, 2016).

Uma vez que é do interesse, em específico, verificar se existem diferenças significativas entre as percepções de aceitação/rejeição parental dos alunos pertencentes aos vários anos de escolaridade que compõem o 3.º ciclo do ensino básico (+12 anos), pode-se considerar a possibilidade de os alunos a frequentar os anos escolares mais avançados, por se encontrarem plenamente na etapa do desenvolvimento da adolescência, - com uma influência mais marcada do grupo de pares nestas idades - (Braconnier, Marcelli & Fernandes, 2000), apresentarem percepções parentais diferentes, podendo revelar maior percepção de rejeição.

No entanto, acreditamos que, em termos globais, essas diferenças relativas às percepções de aceitação/rejeição parental nos vários anos escolares não se façam notar, ao partirmos da premissa que as percepções de aceitação/rejeição parental e o seu principal correlato, o ajustamento psicológico, serão similares em sujeitos de diferentes idades, desde a infância à idade adulta (Khaleque & Rohner, 2002a, 2012; Rohner, 2004, 2016; Rohner & Britner, 2002). Não se descarta, apesar disso, a existência de diferenças significativas nos vários anos escolares (7.º, 8.º e 9.º), relativas a dimensões mais específicas da aceitação/rejeição parental.

Deste modo, formulamos a hipótese 1:

Hipótese 1

Os alunos dos vários anos de escolaridade, (7.º, 8.º, e 9.º), apresentarão um valor global semelhante nas percepções de aceitação/rejeição parental (pai e mãe).

3. Método

TABELA 1. Caracterização da amostra

		FREQUÊNCIA	%
ANO DE ESCOLARIDADE	7.º ano	214	37.3
	8.º ano	202	35.3
	9.º ano	157	27.4
	TOTAL	573	100.0
GÉNERO	Feminino	257	44.9
	Masculino	316	55.1
	TOTAL	573	100.0
IDADE	12-13 anos	246	42.9
	14-15 anos	242	42.2
	16-17 anos	79	13.8
	≥ 18 anos	6	1.0
	TOTAL	573	100.0
		<i>M</i> = 13.95	<i>D.P.</i> = 1.46
		Min = 12.0	Max = 21.0

Este estudo envolveu 573 alunos, 257 raparigas (45%) e 316 rapazes (55%), com 214 alunos (37.3%) a frequentar o 7.º ano, 202 a frequentar o 8.º ano (35.3%) e 157 a frequentar o 9.º (27.4%). Estes estudantes pertenciam, maioritariamente, a escolas públicas do distrito de Lisboa e a uma escola pública situada na Beira alta. A amostra foi escolhida por questões de conveniência.

4. Instrumentos

Questionário da Aceitação/Rejeição Parental (Child PARQ Mãe e Pai, forma reduzida)

Avalia as percepções da criança / adolescente sobre o nível de rejeição materna e paterna. Existem duas versões do instrumento, uma que avalia as percepções das crianças sobre a aceitação-rejeição dos pais e outra que avalia a percepção de aceitação/rejeição por parte das mães. Cada versão consiste em 24 itens, dispostos em

quatro escalas. As mesmas correspondem às dimensões do comportamento dos pais a partir das quais as crianças tendem a organizar suas percepções de aceitação / rejeição dos pais: a) Calor b) Hostilidade / Agressão, c) Indiferença / Negligência e d) Rejeição indiferenciada. Essas são escalas de auto-resposta e sua cotação é feita através de uma escala de *Likert* de 4 pontos: a) frequentemente verdade, b) às vezes verdade, c) raramente verdadeira e d) nunca verdadeira. Em conjunto, essas quatro escalas compõem a pontuação total do PARQ. A pontuação total da escala reflete o nível de rejeição dos pais, de modo que o questionário é digitado na direção da rejeição. Quanto maior a pontuação, mais as crianças rejeitadas tendem a perceber (Rohner, 2004).

No nosso estudo, o PARQ para a mãe revelou alta confiabilidade interna (alfa total = 0,88). O alfa de cada uma das dimensões foi maior que 0,70 e variou de 0,72 a 0,85. O PARQ para o pai apresentou confiabilidade interna muito alta (alfa total = 0,93). O alfa das dimensões foi maior que 0,75 e variou de 0,78 a 0,92.

5. Procedimentos

O primeiro passo foi obter a autorização para a recolha de dados, nomeadamente, por parte dos diretores das escolas envolvidas e dos representantes legais dos estudantes.

A recolha foi realizada em sala de aula e em ambiente coletivo, em turmas pertencentes ao 3.º ciclo de escolaridade, escolhidas de forma aleatória.

As instruções foram lidas em voz alta antes do início da aplicação, sendo dada a oportunidade para o esclarecimento de dúvidas.

Os dados relativos à aceitação/rejeição parental, pai e mãe, foram recolhidos em dois momentos distintos para evitar a fadiga dos participantes, por se tratar de versões do mesmo instrumento, bem como evitar possíveis efeitos de contaminação.

Os dados relativos ao desempenho académico foram recolhidos através das pautas do 2.º período. Quanto à análise dos resultados, a mesma foi efetuada com recurso ao programa estatístico *Statistical Package for Social Sciences (SPSS)*, versão 21.

6. Resultados

O nosso objetivo incidiu na comparação das percepções de aceitação/rejeição parental nos três anos de escolaridade que compõem o 3.º ciclo de estudos do ensino básico (7.º, 8.º e 9.º). Para tal, recorreu-se à Anova One way multivariada (MANOVA). Uma vez que as dimensões de cada instrumento (versão que avalia a percepção de aceitação/rejeição para o pai e para a mãe, e desajustamento psicoló-

gico) estão relacionadas entre si, foi pertinente usar uma análise multivariada. A natureza quantitativa da escala, a elevada dimensão dos grupos e a existência de homogeneidade de variâncias entre eles permitiu o uso deste teste paramétrico.

Utilizou-se sempre o *score* médio nas dimensões (soma dos itens a dividir pelo número de itens que as compõem).

As dimensões da escala estão todas pela negativa, nomeadamente a dimensão afeto, onde um *score* mais elevado indica mais problemas a este nível. Efetuou-se também o somatório das dimensões da escala para obter um total da percepção de aceitação/rejeição relativamente ao pai e à mãe (Tabela 2).

Os resultados revelam diferenças significativas entre os anos escolares, nas dimensões e total da escala relativas à percepção de aceitação/rejeição materna. Foi aplicado o teste *post-hoc* de *Scheffé* para identificar quais os anos que apresentam essas diferenças. Em termos gerais, os alunos do 9.º ano percebem mais rejeição por parte das mães (total da escala) do que os alunos do 7.º e 8.º ano. Estes resultados podem sugerir que os alunos do 9.º ano, ao se encontrarem a viver em pleno a adolescência perceberão maior rejeição parental, fruto da maior autonomia que reivindicam e de outros fatores como a maior proximidade ao grupo de pares (Bracconnier, Marcelli & Fernandes, 2000; Nomaguchi, 2012; Shanahan, et al., 2007). A maior proximidade ao ensino secundário, dada a exigência desta transição, poderá ser outro fator a contribuir para os resultados dos alunos do 9.º ano, relativos à rejeição materna, se terem demonstrado mais elevados.

Na dimensão hostilidade/agressão os alunos do 9.º ano percebem, no entanto, menor hostilidade e agressão materna do que os alunos dos outros anos. Este resultado chama-nos a atenção para a necessidade de se compreender a aceitação/rejeição parental como um *continuum*, no qual todas as dimensões contribuem para a aceitação/rejeição (Rohner, 2004, 2016).

Sublinha-se que na dimensão afeto há uma dimensão de efeito médio ($h^2p = 0,056$). Foram os alunos do 7.º ano que revelaram sentir mais afeto por parte das suas mães, o que se pode explicar pela sua maior proximidade ao período temporal da infância.

Os alunos do 8.º ano foram aqueles que obtiveram valores mais altos para a rejeição indiferenciada materna, uma forma de rejeição que se refere, exclusivamente, às experiências subjetivas de não amor, sem que existam indicadores observáveis, catalogáveis como agressão, negligência ou ambas (Rohner, 1986, 2004, 2016).

TABELA 2. ANOVA One Way Multivariada: Comparação entre os diferentes anos de escolaridade relativa às percepções de aceitação/rejeição parental

	ANO	MÉDIA	DP	N	MANOVA	P	PARTIAL ETA SQUARED
Afeto Mãe	7.º ano	1.42	.48	214	16.795	.000***	.056
	8.º ano	1.45	.47	202			
	9.º ano	1.71	.59	157			
Hostilidade/ Agressão Mãe	7.º ano	1.51	.53	573	6.822	.001***	.023
	8.º ano	1.46	.47	214			
	9.º ano	1.41	.48	202			
Indiferença/ Negligência Mãe	7.º ano	1.61	.67	157	7.323	.001***	.025
	8.º ano	1.48	.54	573			
	9.º ano	1.91	.46	214			
Rejeição Indiferenciada Mãe	7.º ano	1.88	.43	202	5.064	.007**	.017
	8.º ano	2.06	.55	157			
	9.º ano	1.94	.48	573			
Total Mãe	7.º ano	1.36	.50	214	12.648	.000***	.042
	8.º ano	1.29	.48	202			
	9.º ano	1.48	.69	157			
Afeto Pai	7.º ano	1.37	.56	573	16.487	.000***	.055
	8.º ano	1.54	.37	214			
	9.º ano	1.51	.37	202			
Hostilidade/ Agressão Pai	7.º ano	1.72	.51	157	3.851	.022*	.013
	8.º ano	1.58	.42	573			
	9.º ano	1.60	.64	214			
Indiferença/ Negligência Pai	7.º ano	1.83	.75	202	14.151	.000***	.047
	8.º ano	2.04	.87	157			
	9.º ano	1.80	.77	573			
Rejeição Indiferenciada Pai	7.º ano	1.40	.47	214	5.752	.003**	.020
	8.º ano	1.51	.62	202			
	9.º ano	1.57	.66	157			
Total Pai	7.º ano	1.49	.58	573	13.618	.000***	.046
	8.º ano	1.65	.58	214			
	9.º ano	1.77	.67	202			

*** $p \leq .001$; * $p \leq .05$; $h^2p : \leq .05$ dimensão de efeito pequeno, $]0.05, 0.25]$ dimensão de efeito médio; $]0.25, 0.50]$ dimensão de efeito elevado; > 0.50 dimensão de efeito muito elevado.

Relativamente às dimensões e total da escala referente às percepções de aceitação/rejeição paterna também se constataram diferenças significativas. No total da escala há diferenças entre todos os anos, aumentando a média com o ano de escolaridade.

Os alunos do 9.º ano percebem mais rejeição paterna do que os alunos dos outros anos. A explicação que encontramos, enquadrada na literatura, será semelhante àquela que encontramos relativamente à mãe: Estes alunos por se encontrarem, à partida, pela sua idade, a viver de forma mais plena a etapa da adolescência, fase repleta de desafios, poderão experienciar maiores dificuldades de relacionamento com os pais (Nomaguchi, 2012; Shanahan, et al., 2007), o que se poderá ter repercutido numa maior percepção de rejeição paterna.

Nas dimensões afeto e negligência os alunos do 7.º ano sentem menos problemas do que os restantes alunos, o que acreditamos relacionar-se com a maior proximidade temporal à infância. Contudo também se constituem como aqueles que percebem mais problemas de hostilidade/agressão paterna. Apesar de perceberem mais problemas de hostilidade/agressão paterna do que os restantes, os alunos do 7.º ano foram também aqueles que apresentaram uma menor percepção de rejeição paterna global. Este aspeto chama-nos a atenção para o *continuum* que caracteriza a aceitação/rejeição parental e que é composto por várias dimensões, todas elas contribuindo para a aceitação/rejeição (Rohner, 2004, 2016). Na dimensão do afeto, referente ao pai, o tamanho do efeito também é médio ($h^2p = .055$).

São os alunos do 8.º ano que demonstraram perceber mais problemas de indiferença/negligência paterna. Em relação à negligência, relembramos que diz respeito a cumprir com as necessidades básicas da criança, como a necessidade de alimentos, assistência médica, entre outras, bem como necessidades de outra ordem: educacional, preocupações, desejos e interesses da criança. Os indicadores de excelência da negligência são a indisponibilidade física e psicológica dos pais (Rohner, 1986, 2004, 2016).

Em suma, os alunos do 9.º ano de escolaridade constituíram-se como aqueles que demonstraram perceber maior rejeição parental, relativamente ao pai e à mãe. Já os alunos do 7.º ano revelaram perceber menor rejeição paterna e menores problemas de afeto parental, materno e paterno. Os alunos do 8.º ano revelaram os maiores níveis de rejeição indiferenciada materna e de indiferença/negligência paterna.

Rejeita-se, deste modo, a hipótese de investigação formulada – “Os alunos dos vários anos de escolaridade, (7.º,8.º,9.º) apresentarão um valor semelhante na percepção de aceitação/rejeição parental, pai e mãe”, com os alunos do 9.º ano a revelarem maiores níveis de rejeição materna e paterna que os alunos dos restantes anos de escolaridade.

7. Discussão

A Teoria da aceitação/rejeição interpessoal preconiza que, independentemente da cultura e um pouco por todo o mundo, as percepções de aceitação/rejeição relativamente ao pai e à mãe têm importância para o desenvolvimento holístico dos filhos em aspetos como, por exemplo, o seu ajustamento psicológico — apontado como o principal correlato das percepções de aceitação/rejeição parental —, o desempenho académico e os problemas de comportamento (Ali, 2011; Khaleque & Ali, 2017; Rohner, 2016; Tulviste & Rohner, 2010).

A pesquisa realizada teve um objetivo principal realizar análises comparativas a incidir na percepção de aceitação/rejeição dos alunos sobre os pais, com base nos diferentes anos de escolaridade que frequentam (7.º, 8.º e 9.º ano). Para tal, aplicámos a Anova One Way multivariada e o teste post-hoc de Sheffé.

As percepções de aceitação/rejeição, mãe e pai, foram também analisadas para os alunos dos diferentes anos escolares (7.º, 8.º e 9.º) do 3.º ciclo do ensino básico. Relativamente às mães e aos pais, os alunos do 9.º ano foram aqueles que percecionaram mais rejeição, a nível global. Apresentaram mais indiferença/negligência materna e mais problemas de afeto materno — frieza, que os alunos do 7.º e 8.º ano. Apesar disso, também foram aqueles que percecionam menor hostilidade/agressão materna. Os alunos a frequentar o 9.º ano, embora se percecionem como mais rejeitados pela mãe que os alunos dos 7.º e do 8.º ano, sentindo também mais frieza materna são, no entanto, aqueles que apresentaram menores valores de percepção de hostilidade/agressão por parte da mãe. Este fator leva-nos a compreender a percepção de aceitação/rejeição parental como um espectro, no qual a hostilidade/agressão se constitui como uma das suas dimensões não representando, no entanto e por si só, a rejeição parental (Rohner, 1986, 2004, 2016).

Os alunos do 9.º ano registaram, também, maiores níveis de rejeição indiferenciada paterna, uma forma mais subtil e indeterminada de sentir a rejeição parental (Rohner, 1986, 2004, 2016), bem como menos afeto paterno comparativamente aos restantes.

Na adolescência ocorrem importantes transformações de natureza fisiológica, psicológica, social, entre outras. Autores como Monahan, Cauffman e Steinberg (2009) chamam a nossa atenção para o alargamento das relações que acontece durante a adolescência, na qual os adolescentes começam a dar mais relevo ao grupo de pares, que passa a exercer grande influência.

Os estudantes do 9.º ano de escolaridade, à partida mais avançados temporalmente no período da adolescência que os colegas a frequentar o 7.º e o 8.º ano encontrar-se-ão na fase plena da vivência desta etapa. Sabe-se que durante a adolescência as relações estabelecidas com o grupo de pares ganham relevo. Este fator representa, frequentemente, um desafio acrescido para os pais (Braconnier, Marc-

celi & Fernandes, 2000). A maior proximidade à frequência do ensino secundário poderá constituir-se como fator precipitante da acusação de uma certa tensão no seio da relação familiar, relacionada à transição relativa ao ciclo de escolaridade que, de certa forma, é esperada e desejada.

Ainda, os adolescentes podem manifestar mais dificuldades na relação que estabelecem com os pais, fruto de uma maior necessidade de autonomia, que poderá originar conflitos na esfera familiar (Nomaguchi, 2012; Shanahan, et al., 2007). Aos pais cabe a difícil missão de aprender a equilibrar entre dar a liberdade ao adolescente para fazer o que quer e estabelecer regras e limites (Deslandes, Potvin & Leclerc, 2000; Sentse et al., 2009).

À semelhança dos resultados que obtivemos, outros estudos apontam para o facto de as crianças parecerem perceber uma diminuição no calor, envolvimento e apoio dos pais à medida que crescem (Rodríguez, Barrio & Carrasco, 2009; Rohner, 1986; Rosa-Alcázar, Parada-Navas & Rosa-Alcázar, 2014). Alguns autores (e.g. Oliva, 2006) afirmam que a dinâmica das relações pais/filhos tende a alterar, substancialmente, no período da adolescência, verificando-se uma diminuição do tempo que pais e filhos passam juntos, bem como uma diminuição nas manifestações de carinho e afeto. Este maior distanciamento que se parece constatar entre pais e filhos, durante a etapa da adolescência pode auxiliar a explicar o facto de os alunos do 9.º ano, à partida mais velhos que os restantes, serem aqueles que se percecionam como mais rejeitados pelos seus pais.

Os alunos do 7.º ano talvez por se encontrarem mais próximos, ainda, do período temporal da infância, comparativamente aos colegas dos restantes anos de escolaridade foram aqueles que revelaram percecionar os pais, pai e mãe, como mais afetuosos. Foram também os alunos do 7.º ano a apresentarem-se como aqueles que percecionam o pai como mais aceitante relativamente a si. No entanto, revelaram percecionar, no pai, maiores níveis de hostilidade e agressão. Estes resultados sugerem que a aceitação/rejeição parental representa um espectro, que deve ser encarado na globalidade e que não se reduz, de forma isolada, às suas dimensões. Relembramos, ainda, que mesmo nas relações pautadas maioritariamente pela aceitação, ocorrem algumas manifestações próprias da rejeição (Rohner, 1975, 1986, 2016).

No que diz respeito à intervenção realizada no âmbito da psicologia parece-nos importante perceber-se, relativamente às dinâmicas relacionais de pais e filhos, como é que as percepções de aceitação/rejeição parental se alteram com os anos de escolaridade. Deste modo, o Psicólogo escolar estará em posição de identificar em quais anos escolares lhe é premente intervir no que concerne às percepções de aceitação/rejeição dos alunos, nomeadamente através do desenvolvimento de programas de intervenção e ações específicas direcionadas às famílias. Este facto

reveste-se de particular importância porque sabemos que a relação estabelecida com os pais releva para um variado leque de aspetos como, por exemplo, o sucesso escolar e os comportamentos que os alunos exibem (Ali, 2011; Musitu & García, 2004).

Deste modo, acreditamos que estando alerta para as diferentes dimensões que compõem o espectro da aceitação/rejeição parental, o psicólogo da educação poderá melhor atender às sincronias estabelecidas entre pais e filhos apoiando deste modo, mais adequadamente, o desenvolvimento dos alunos e o seu sucesso e integração escolares.

No âmbito da compreensão do desenvolvimento e estabilidade das percepções de aceitação/rejeição parental, tornar-se-ia relevante proceder à aplicação dos mesmos testes que utilizámos, aos mesmos sujeitos, anos mais tarde, o que proporcionaria uma visão longitudinal que nos foi impossibilitada dado o carácter transversal desta pesquisa.

Não explorámos a compreensão de fatores sociais, contextuais ou outros, que pudessem influenciar a percepção de aceitação/rejeição parental como, por exemplo, aspetos relacionados à composição da estrutura familiar, emprego/desemprego parental, grau de escolaridade parental, existência de problemas psicológicos dos pais, etc. Seria interessante atender a estes aspetos, o que não foi contemplado na presente pesquisa.

Sublinha-se, ainda, que se reveste de todo o interesse considerar a perspectiva fenomenológica da criança sobre os comportamentos dos pais, diferenciado a percepção sobre o pai da percepção sobre a mãe (Khaleque & Ali, 2017; Rohner, 1975, 1986, 2004, 2016). É referido, por alguns autores que realizaram estudos mais recentes (e.g. Giffin, 2005; Navarro, 2007; Rohner 2016; Vieira & Souza, 2010), durante muito tempo a ciência na área da psicologia se focou, essencialmente, no estudo sobre as mães ou no estudo de ambos os pais conjuntamente, com a pesquisa sobre o pai a dedicar-se mais ao estudo dos impactos da sua ausência física, o que acabou por não promover uma exploração mais aprofundada sobre a perspectiva dos filhos acerca do comportamento do pai.

Apesar das limitações já enunciadas a nossa pesquisa pretendeu, entre outros aspetos, ser um contributo para o estudo das relações pais/filhos permitindo, ao nível da prática, um debate em torno da necessidade de uma abordagem mais pormenorizada que atenda à distinção mãe/pai e que considere as várias dimensões que compõem o espectro da aceitação/rejeição parental. Acreditamos que seria uma mais-valia que tal se verificasse quer ao nível da prevenção realizada no âmbito da psicologia, quer da intervenção, através de um trabalho atento, por parte do psicólogo, aos fatores familiares.

8. Conclusão

Na perspetiva do funcionamento ótimo do aluno em contexto escolar, traduzido no seu desempenho académico e nos comportamentos que exhibe na escola, surgem como importantes as percepções relativas ao comportamento parental, nomeadamente as percepções de aceitação/rejeição concernentes ao pai e à mãe (Ali, 2011; Musitu & García, 2004; Rohner, 2016; Tulviste & Rohner, 2010) bem como outros aspetos, como por exemplo o ajustamento psicológico dos alunos que se sabe estar intimamente ligado à aceitação/rejeição parental (Khaleque, 2012; Khaleque, & Rohner, 2012; Rohner & Britner, 2002, 2004).

A Teoria da Aceitação/Rejeição interpessoal de Rohner (1975; 1986; 2004; 2016), que o autor tem desenvolvido ao longo dos últimos 50 anos, é suportada pela pesquisa a incidir nas consequências e correlatos da percepção de aceitação/rejeição parental. Desta forma, este quadro teórico tem sido um impulsionador para a realização de diversos estudos neste âmbito, um pouco por todo o mundo (e.g. Ali, 2011; Khaleque, 2012; Khaleque & Ali, 2017; Khaleque, & Rohner, 2012; Tulviste & Rohner, 2010), sendo que atualmente existem mais de 3000 trabalhos (Rohner, 2016).

No contexto da relação escola/família em que os resultados académicos representam, por vezes pontos de tensão, o estudo da percepção de aceitação/rejeição face à relação que os alunos estabelecem com o pai e com a mãe, separadamente, revela-se de extrema importância.

Autores que realizaram estudos mais recentes (e.g. Giffin, 2005; Navarro, 2007; Rohner 2016; Vieira & Souza, 2010) referem que durante muito tempo, o estudo sobre o relacionamento parental se centrou na mãe, tendo sido dado pouco destaque ao pai. No panorama científico atual, os aspetos relativos à relação paterna têm sido objeto de maior exploração (Rohner, 2016; Vieira & Sousa, 2010), sendo que a existência de estudos que se foquem na mãe, e também no pai, se revestam de relevância.

O estudo das percepções de aceitação/rejeição parental de acordo com o ano de escolaridade dos alunos é importante, por permitir ao Psicólogo escolar perceber se existem diferenças significativas na aceitação/rejeição parental, indiciadoras de níveis mais elevados de rejeição que mereçam intervenção. Deste modo, o Psicólogo escolar poderá melhor organizar-se quanto à intervenção a realizar com foco nas percepções de aceitação/rejeição parental, nomeadamente através do delineamento de programas de intervenção e ações direcionadas aos anos escolares sinalizados.

Este estudo permitiu constatar que os alunos do 9.º ano, à partida mais avançados na etapa desafiante da adolescência, revelaram perceber maior rejeição parental concernente ao pai e à mãe, do que os alunos dos restantes anos escolares

(7.º e 8.º ano). Sabe-se que a fase do desenvolvimento da adolescência poderá representar o aumento de tensões entre pais e filhos e um maior afastamento, que se verá refletido nas percepções de aceitação/rejeição parental. Cabe ao psicólogo da educação estar alerta para as possíveis alterações que possam surgir na relação pais/filhos ao longo da adolescência (Braconnier, Marcceli & Fernandes, 2000; Nomaguchi, 2012; Shanahan, et al., 2007), nomeadamente manifestadas pelos alunos do 9.º ano — que revelaram perceber maior rejeição parental, permitindo a construção de pontes que melhor sirvam a dinâmica do sistema familiar durante este período tão especial do desenvolvimento humano.

Dos resultados que nos foram possíveis apurar, salienta-se a importância de compreender a aceitação/rejeição parental como um *continuum* constituído por várias dimensões, todas elas a contribuir para a aceitação/rejeição parental (Khalique & Ali, 2017; Rohner, 2016). Assim, encontramos resultados nos alunos do 7.º ano a indicar que estes são aqueles que consideram o pai como menos rejeitante, em termos globais, mas também como mais hostil/agressivo. Já os alunos do 9.º ano revelaram perceber maior rejeição materna, mas também foram aqueles que revelaram menor hostilidade/agressão materna. Estes resultados remetem-nos para a importância de avaliarmos as dimensões mais específicas da aceitação/rejeição parental, procurando intervir em dimensões que se destacam pela negativa, ainda que as percepções de aceitação/rejeição parental, a nível global, se salientem pela positiva.

Apesar da relevância deste estudo, não foi realizada uma abordagem longitudinal quanto às percepções de aceitação/rejeição parental, de forma a serem retiradas conclusões mais firmes. Seria relevante que outros estudos fossem realizados com o sentido de proceder à aplicação dos instrumentos sobre as percepções de aceitação/rejeição parental, aos mesmos alunos, durante a sua frequência do 7.º, 8.º e 9.º ano de escolaridade, em período semelhante, com o objetivo de se aprofundarem conclusões.

Referências

- Akün, E. (2017). Relations among adults' remembrances of parental acceptance–rejection in childhood, self-reported psychological adjustment, and adult psychopathology. *Comprehensive Psychiatry*, 77, 27-37. doi:10.1016/j.comppsy.2017.05.002.
- Ali, S. (2011). Perceived teacher and parental acceptance-rejection, and the academic achievement, adjustment, and behavior of children: Literature review. *International Journal of Peace and Development Studies*, 2(5), 138-147. doi: 10.5897/IJPDS.
- Amato, P. R. (1994). Father–child relations, mother–child relations, and offspring psychological well-being in early adulthood. *Journal of Marriage and the Family*, 56(4), 1031–1042. doi:10.2307/353611.

- Braconnier, A., Marcelli, D., & Fernandes, M. C. (2000). *As mil faces da adolescência*. São Paulo: Clempsi.
- Campo, A. T., & Rohner, R. P. (1992). Relationship between perceived parental acceptance-rejection, psychological adjustment, and substance abuse among young adults. *Child Abuse & Neglect*, 16(3), 429-440. doi:10.1016/0145-2134(92)90052-S
- Deslandes, R., Potvin, P., & Leclerc, D. (2000). Les liens entre l'autonomie de l'adolescent, la collaboration parentale et la réussite scolaire. *Canadian Journal of Behavioural Science*, 32, 208-217. doi:10.1037/h0087117
- Forehand, R., & Nousiainen, S. (1993). Maternal and paternal parenting: Critical dimensions in adolescent functioning. *Journal of Family Psychology*, 7(2), 213-221. doi:10.1037/0893-3200.7.2.213
- Giffin, K. (2005). A inserção dos homens nos estudos de gênero: Contribuições de um sujeito histórico. *Ciência & Saúde Coletiva*, 10, 47-57. doi:10.1590/S1413-81232005000100011
- Khaleque, A. (2012). Perceived Parental Warmth, and Children's Psychological Adjustment, and Personality Dispositions: A Meta-analysis. *Journal of Child and Family Studies*, 22(2), 297-306. doi:10.1007/s10826-012-9579-z.
- Khaleque, A., & Ali, S. (2017). A systematic review of meta-analyses of research on interpersonal acceptance-rejection theory: Constructs and measures. *Journal of Family Theory & Review*, 9(4), 441-458. doi:10.1111/jftr.12228
- Khaleque, A., & Rohner, R. P. (2002a). Perceived parental acceptance-rejection and psychological adjustment: A meta-analysis of cross-cultural and intracultural studies. *Journal of Marriage and Family*, 64, 54-64. doi:10.1111/j.1741-3737.2002.00054.x
- Khaleque, A., & Rohner, R. P. (2002b). Reliability of measures assessing the pancultural association between perceived parental acceptance-rejection and psychological adjustment: A meta-analysis of cross-cultural and intracultural studies. *Journal of Cross Cultural Research*, 33, 87-99. doi:10.1177/0022022102033001006
- Khaleque, A., & Rohner, R. P. (2012). Pancultural associations between perceived parental acceptance and psychological adjustment of children and adults: A meta-analytic review of worldwide research. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 43(5), 784-800. doi:10.1177/0022022111406120
- Monahan, K. C., Steinberg, L., & Cauffman, E. (2009). Affiliation with antisocial peers, susceptibility to peer influence, and antisocial behavior during the transition to adulthood. *Developmental Psychology*, 45(6), 1520-1530. doi:10.1037/a0017417
- Musitu, G., & García, J. (2004). Consecuencias de la socialización familiar en la cultura española. *Psicothema*, 16, 288-293.
- Navarro, F. R. (2007). La construcción social de la parentalidad y los procesos de vinculación y desvinculación padre-hijo. El papel del mediador familiar. *Ciências Psicológicas*, 1(2), 119-133.
- Nomaguchi, K. M. (2012). Parenthood and psychological wellbeing: Clarifying the role of child age and parent-child relationship quality. *Social Science Research*, 41, 489-498. doi:10.1016/j.ssresearch.2011.08.001
- Oliva, A. (2006). Relaciones familiares y desarrollo adolescente. *Anuario de Psicología*, 37, 209-223.

- Parmar, P., & Rohner, R. (2010). Perceived teacher and parental acceptance and behavioral control, school conduct, and psychological adjustment among school-going adolescents in India. *Cross-Cultural Research*, 44, 253-268. doi:10.1177/1069397110367613
- Ramírez-Uclés, I., González-Calderón, M. J., del Barrio-Gándara, V., & Carrasco, M. Á. (2018). Perceived parental acceptance-rejection and children's psychological adjustment: The moderating effects of sex and age. *Journal of Child and Family Studies*, 27(4), 1336-1348. doi:10.1007/s10826-017-0975-2
- Rodríguez, M. Á., Barrio, M. V. D., & Carrasco, M. Á. (2009). Cómo perciben los hijos la crianza materna y paterna? Diferencias por edad y sexo. *Escritos de Psicología*, 2(2), 10-18.
- Rohner, R. P. (1975). *They love me, they love me not: A worldwide study of the effects of parental acceptance and rejection*. New Haven, CT: HRAF Press.
- Rohner, R. P. (1986). *The warmth dimension: Foundations of parental acceptance-rejection theory*. Beverly Hills, CA: Sage Publications, Inc.
- Rohner, R. P. (2004). The parental "acceptance-rejection syndrome": Universal correlates of perceived rejection. *American Psychologist*, 59(8), 830-840. doi:10.1037/0003-066X.59.8.830
- Rohner, R. P. (2016). Introduction to interpersonal acceptance-rejection theory (IPAR-Theory) and evidence. *Online Readings in Psychology and Culture*, 6(1), 3-40. doi:10.9707/2307-0919.1055
- Rohner, R. P., & Britner, P. A. (2002). Worldwide mental health correlates of parental acceptance-rejection: Review of cross-cultural and intracultural evidence. *Cross-Cultural Research*, 36(1), 16-47. doi:10.1177/106939710203600102
- Rohner, R. P., & Brothers, S. A. (1999). Perceived parental rejection, psychological maladjustment, and borderline personality disorder. *Journal of Emotional Abuse*, 1, 81-95. doi:10.1300/J135V01N04_05
- Rohner, R. P., & Chaki-Sircar, M. (1987). Caste differences in perceived maternal acceptance in West Bengal, India. *Ethos*, 15(4), 406-425. doi: 10.1525/eth.1987.15.4.02a00040
- Rosa-Alcázar, A. I., Parada-Navas, J. L., & Rosa-Alcázar, Á. (2014). Síntomas psicopatológicos en adolescentes españoles: Relación con los estilos parentales percibidos y la autoestima [Psychopathologic symptoms in Spanish adolescents: Relationship with perceived parental styles and self-esteem]. *Anales de Psicología*, 30(1), 134-143. doi:10.6018/analesps.30.1.165371
- Sentse, M., Veenstra, R., Lindenberg, S., Verhulst, F. C., & Ormel, J. (2009). Buffers and risks in temperament and family for early adolescent psychopathology: Generic, conditional, or domain-specific effects? The trails study. *Developmental Psychology*, 45(2), 419-430. doi:10.1037/a0014072
- Shanahan, L., McHale, S. M., Crouter, A. C., & Osgood, D. W. (2007). Warmth with mothers and fathers from middle childhood to late adolescence: Within- and between-families comparisons. *Developmental Psychology*, 43, 551-563.
- Steinberg, L. (2001). We know some things: Parent-adolescent relationships in retrospect and prospect. *Journal of Research on Adolescence*, 11(1), 1-19. doi:10.1111/1532-7795.0000

- Tulviste, T., & Rohner, R. P. (2010). Relationships between perceived teachers' and parental behavior and adolescent outcomes in Estonia. Cross-cultural Research. *The Journal of Comparative Social Science*, 44(3), 222-238. doi:10.1177/1069397110366797
- Vieira, E. N., & Souza, L. D. (2010). Guarda paterna e representações sociais de paternidade e maternidade. *Análise Psicológica*, 28(4), 581-596.
- Weymouth, B., & Buehler, B. (2016). Adolescent and parental contributions to parent-adolescent hostility across early adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 45(4), 713-729. doi:10.1007/s10964-015-0348-3.

